

O DESVELAMENTO DO MAU ENCONTRO EM O *DESCOBRIMENTO DO BRASIL* À LUZ DO PENSAMENTO DE LA BOÉTIE

Pedro Henrique Araújo Santiago¹

Renan Soares Esteves²

RESUMO: A presente investigação se debruçou sobre dois problemas conforme o pensamento de La Boétie: o que é o mau encontro e quais são os seus elementos fundantes com o objetivo de desvelá-los do filme *O descobrimento do Brasil*. Para tanto, selecionamos algumas imagens da película de Mauro: a chegada das caravelas portuguesas em 1500; os índios carregando um crucifixo construído com a devastação da mata brasileira; e a prostração dos nativos diante do símbolo cristão. Por fim, concluímos que o mau encontro, os seus elementos fundantes e a sua ferramenta de perpetuação se encontram ocultados no filme.

PALAVRAS-CHAVE: La Boétie. Mau encontro. Elementos fundantes. O descobrimento do Brasil. Ferramenta de perpetuação.

The unveiling of the bad encounter in the *The Discovery of Brazil* in the light of La Boétie's thought

ABSTRACT: This research addressed two problems according to La Boétie's thought: what is the bad encounter and what are founding elements, aiming at order to unveil them from the movie *The discovery of Brazil*. To do so, we selected some images from Mauro's film: the arrival of the Portuguese caravels in 1500; the Indians carrying a crucifix built with the devastation of the Brazilian forest; and

1 Graduado em Filosofia/ Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC) na linha de Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Bolsista/CAPES. Membro do Grupo de Estudos Platônicos da UFC. Tem interesse na área de Filosofia Antiga, com ênfase em Ontologia, Epistemologia e Linguagem. E-mail: pedro_010994@hotmail.com

2 Graduado em Filosofia/ Licenciatura pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da mesma instituição na linha de Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Bolsista/ CAPES. Membro do Grupo de Estudos Filosofia, Metafísica e Cognição da UFC. Tem interesse nas áreas de Lógica, Filosofia da Ciência, Filosofia da Mente e Ética Aplicada. E-mail: renan.soares.e@gmail.com.

the prostration of the natives before the Christian symbol. Finally, we conclude that the bad encounter, its founding elements and its perpetuation tool are hidden in the movie.

KEYWORDS: La Boétie. Bad encounter. Founding elements. The discovery of Brazil. Perpetuation tool.

1. Introdução

Diziam ser "Guerra Justa"
Com o Demônio travada,
Com hereges que negavam
A religião Sagrada...
Exterminar sua raça
Seria como uma graça
Numa matança alcançada

Cientes da "guerra justa"
Os colonos passam a ter
O direito de matar
A razão de converter
Aqueles índios, sem lógica,
À religião católica,
Submissos ao poder.

(Medeiros Braga³. *A Guerra dos Bárbaros*).

As questões que impeliram a consecução desta investigação são duas: 1) propor uma definição, a partir do pensamento de La Boétie, para o conceito de mau encontro, responsável pelos homens protagonizarem o esquecimento de seu estado original de liberdade; e 2) compreender quais elementos fundam e perpetuam o mau encontro, que tanto degrada a espécie humana, ensinando-a a não desejar a liberdade, mas a se submeter à servidão. Em síntese, conceituamos o infortúnio, o vício infeliz, a aberração que a natureza nega ter gestado e que a língua se recusa a nomear, ou seja, o corpo político da servidão voluntária. E, posteriormente, analisamos quais elementos são responsáveis pelo enraizamento da vontade de servir nas relações humanas.

Para a articulação dessas duas questões, contrapomos dois modos de vida: o do colono português que, vivendo numa sociedade estratificada socialmente, alimenta a servidão voluntária e a tirania; e o do indígena que tem a liberdade como um bem irrecusável à vida. Ilustramos esses dois modos de vida por intermédio de três cenas da obra cinematográfica brasileira *O descobrimento do*

³ Poeta e romancista popular que transcreve os grandes clássicos da literatura mundial em cordel pela editora Queima-Bucha de Mossoró-RN.

*Brasil*⁴, a saber: a recepção amigável da esquadra portuguesa pelos autóctones; os indígenas carregando voluntariamente uma enorme cruz de madeira sobre os ombros; e a conversão de bom grado dos selvagens ao cristianismo, prostrando-se ao símbolo cristão que haviam fixado em seus domínios para celebração da primeira missa no Brasil. Essas cenas propõem uma descrição harmoniosa⁵ para um conflito, ou marcado pelo extermínio das comunidades locais, ou pela sua escravização.

O referido filme corrobora com a consolidação da ideia de que os indígenas serviram voluntariamente ao Estado Português ou no momento em que são hospitaleiros com os recém-chegados tripulantes, ou quando se curvam à cruz cristã, convertendo-se ao cristianismo. O modo como essas cenas são arrumadas parece querer revelar que a história universal destinou ao europeu a missão sagrada de civilizar um modo de vida supostamente inferior.

Nessa perspectiva, Graciliano Ramos, em talvez sua única crônica cinematográfica, critica a fita de Humberto Mauro, considerando que: "(...) lamentamos que nesse trabalho de Mauro, trabalho realizado com tanto saber, se dê ao público retratos desfigurados dos exploradores que aqui vieram escravizar e assassinar o indígena". O escritor utiliza expressões como "desgosto" e "são uns santos os portugueses", sendo esta última colocação claramente irônica para se referir a visão harmoniosa proposta pelo cineasta. No fundo, o que incomoda o romancista é uma reconstrução histórica que favorece uma interpretação harmônica de dois polos: o indígena, como ingênuo e perfeito selvagem, que se extasia facilmente com a presença do homem branco; e a figura beata do

⁴ *O descobrimento do Brasil* é uma produção cinematográfica dos anos trinta de Humberto Mauro, um dos pioneiros do cinema brasileiro. A obra supracitada, acompanhada de *Os bandeirantes*, compõe o ciclo em que nosso diretor, patrocinado por instituições públicas, almejava fazer reconstituições históricas do Brasil. *O descobrimento do Brasil* restaura a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral em 1500. O clímax da obra está no encontro de dois povos completamente antagônicos: os portugueses com uma sociedade apartada entre dominantes e dominados e as comunidades indígenas marcadas pela rejeição da hierarquia das regalias. Cf. GOMES, Paulo Emílio Sales. 4ª Época: 1933 a 1949. In: *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.72.

⁵ A obra do diretor mineiro busca reproduzir a carta de Pero Vaz de Caminha por dois motivos: o primeiro é uma tentativa de dar um caráter verídico e documental ao seu filme, deixando as "provas" do fato histórico "falarem por si"; e o segundo tem a função de apresentar o benefício que, supostamente, foi trazido pelos portugueses com a colonização, devido o modo pacífico que foi mediado às relações pessoais entre europeus e indígenas em o *Descobrimento do Brasil*. Por essa razão, Humberto Mauro simula a *Primeira Missa no Brasil*, quadro de Victor Meirelles, inspirada nos relatos do escrivão português. Assim como na pintura, a película se utiliza de diversos recursos estilísticos, como evidenciar em tom mais claro a cruz ao centro, contrastando com a tonalidade mais escura dos indígenas que estão em volta do símbolo sagrado cristão, de modo a ressaltar o equilíbrio dos dois elementos constitutivos da nação: o branco e o índio. O cineasta procura evidenciar uma harmonia de interesses, pois tudo converge para assimilação da religião católica no novo território. Cf. MORETTIN, Eduardo. *Produção e formas de circulação do tema do Descobrimento do Brasil: uma análise de seu percurso e do filme Descobrimento do Brasil (1937), de Humberto Mauro*. Revista Brasileira de São Paulo, v.20, n. 39, 2000, p.135-165.

invasor que possui “uma solicitude, uma delicadeza de mãe” com aqueles que nestas terras já habitavam⁶.

A preocupação desta investigação, portanto, é a mesma de Graciliano: desocultar a falsa benevolência dos invasores “que destoa das façanhas que andaram praticando em Terras da África e da Ásia e por fim neste hemisfério”. O poeta alagoano afirma que a intenção dos criadores de *O descobrimento do Brasil* “não foi denegrir o invasor: foi melhorá-lo, emprestar-lhe qualidades que não tinha (...) vemos um sorriso beato nos lábios daqueles terríveis aventureiros”. Contudo, para Ramos, o ápice da boa convivência entre colonos e colonizados pode ser percebido quando “vemos o comandante da expedição, com desvelo excessivo, lançar cobertas sobre os tupinambás e retirar-se nas pontas dos pés, para não acordá-los⁷”. Dito isso, utilizou-se a película de Mauro com o intuito de desvelar o véu que esconde a resistência de uma comunidade que, até em tempos hodiernos, luta contra seu fim, que por não aceitar a servidão voluntária do modo de vida europeu, a tirania relegou-lhes dois caminhos quase incontornáveis: o extermínio ou a escravidão.

No desenvolvimento do presente trabalho, a mencionada obra cinematográfica é utilizada de modo estratégico, tendo em vista a necessidade de se pensar o conceito e as ferramentas de manutenção da servidão voluntária, evidenciando dois modos de vida contrapostos, mas que na obra cinematográfica em questão se encontram harmonizados. É uma tarefa difícil distinguir esses modos de vida numa fita, onde portugueses e indígenas se relacionam tão amigavelmente. Todavia, foi proposto pensar tais questões, com o intuito de desocultar da fita de Mauro, por um lado, a servidão voluntária e a sua perpetuação, enquanto pressuposto da organização social portuguesa; e, por outro lado, a recusa indígena a qualquer possível negociação de sua liberdade.

2. Uma passagem da liberdade para servidão em *O Descobrimento do Brasil* de Humberto Mauro

A história, então, escrita
Que chegou aos estudantes
Não mostrou o extermínio,
Nem índios agonizantes
Porque, com todo cuidado,
Ela foi feita ao agrado
Das elites dominantes

O que houve com os índios

⁶ É possível acessar a crônica cinematográfica de Graciliano Ramos na íntegra, bem como os trechos citados anteriormente em: MAURO, Humberto. Uma tradução de Pero Vaz. In: *Humberto Mauro: sua vida/ sua arte/ sua trajetória no cinema*, Rio de Janeiro: Artenova, 1978, p.67.

⁷ Os trechos entre parênteses são outras passagens da crônica cinematográfica de Graciliano Ramos ao *Descobrimento do Brasil*. Cf. MAURO, Humberto. Uma tradução de Pero Vaz. In: *Humberto Mauro: sua vida/ sua arte/ sua trajetória no cinema*, Rio de Janeiro: Artenova, 1978, p.67.

Foi a vil usurpação,
Chegaram aqui onde havia
Já uma população
E de repente, sem modos,
Desalojaram a todos
E lhes tiraram a razão

(Medeiros Braga. *A guerra dos bárbaros*).

A cena da chegada da tripulação de Pedro Álvares Cabral marca o mau encontro entre portugueses e as comunidades autóctones. A preocupação dos europeus, no período da conquista do Novo Mundo, era a criação de um conceito que justificasse a escravização daquela gente nova tida como sem fé, sem lei e sem rei.⁸ As outras cenas, a saber, a dos nativos carregando uma cruz e, posteriormente, a destes ajoelhados, na mais pura posição de adoração ao símbolo cristão, deixam-nos com uma dúvida no ar: qual item estaria por detrás do fenómeno da servidão? O fascínio pelos governantes⁹? A força do costume? A coerção brutal do tirano? Ou a esperança de possuir alguém que nos sirva prontamente¹⁰?

Tais interrogações que dizem respeito ao que é o mau encontro e quais elementos são seus sustentáculos, gravitam em torno da problemática que se segue: o poder do tirano advém de um infortúnio do qual não temos culpa ou provém porque deliberamos ignorar a nossa liberdade? Só faz sentido perguntarmos se o fascínio, o hábito, o poderio bélico do soberano e o nosso desejo de tiranizar são causas da servidão, se também respondermos: há algo de voluntário no mau encontro com o poder que nos transcende e que se concentra nas mãos do governante? Quão contraditória é essa problemática, será possível que optamos abdicar da nossa própria liberdade para obedecermos somente a um?

⁸ “Com esse fim, os teólogos e os juristas inventaram a positividade de um conceito juridicamente válido, pelo qual conseguem determinar a condição dos índios e justificar a Conquista – trata-se do *conceito de servidão voluntária*” (CHAUI, Marilena. *Contra o Um, contra o Estado: o contradiscurso de Clastres e de La Boétie*. In: *Contra a servidão*. Organizador Homero Santiago. 2ed. Belo Horizonte. Autêntica. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 142).

⁹ Para uma melhor compreensão de como se manifesta tal fascínio pelo tirano, é interessante dar peso a consideração que Marilena Chauí faz acerca de como o mito fundador da sacralização do governante se estabelece em uma sociedade “(...) do lado dos dominados, ele se realiza pela via milenarista com a visão do governante como salvador, e a sacralização-satanização da política. Em outras palavras, o mito engendra uma visão messiânica da política que possui como parâmetro o núcleo milenarista como embate cósmico final entre a luz e a treva, o bem e o mal, de sorte que o governante ou é sacralizado (luz e bem) ou satanizado (treva e mal)” (CHAUI, Marilena. *Sacralização do governante*. In: *Brasil mito fundador e sociedade autoritária*. 1ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 53).

¹⁰ É interessante, nesse momento, fazermos um paralelo de nossas interrogações com as palavras de La Boétie: “Mas ó, bom Deus! O que é isso? Que nome damos a esse fenómeno? Que infortúnio é esse? Que vício é esse, ou melhor, que infeliz vício é esse? Ver infinitas pessoas servindo em vez de obedecer; sendo tiranizadas em vez de governadas; sendo desprovidas de bens e parentes, mulheres e crianças, até mesmo de uma vida própria! Sofrendo as pilhagens, as obscenidades, as crueldades não de uma armada, não de um exército bárbaro do qual devam, antes de tudo, defender seu sangue e sua vida, mas sim de um único indivíduo; não de uma Hércules nem de um Sansão, mas deu um reles homenzinho (...)” (LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 36).

É confortável respondermos que o acaso, a coação ou a ilusão são preponderantes para que deixemos de ser servos da razão para sermos servos de um ditador. Afinal, não existe concílio maior com o mundo do que transferirmos as nossas desgraças a uma entidade transcendental chamada destino. Ou acreditar que, por meio da coação, fomos impedidos de agir em consonância com nossa vontade e até crer que nos iludiram pelos discursos e promessas de bens e liberdade. Podemos até admitir que tudo isso sustenta um cenário ideal para um autocrata ascender ao poder. Todavia, ainda o enigma permanece: depois que o déspota toma o poder do povo, como ele o conserva?

Diante de tal problemática, não há aqui nenhuma negociação possível, precisamos nos confrontar urgentemente com o mau encontro, que é ocultado por Humberto Mauro, na medida em que o seu filme transmite uma imagem harmônica dos recém-chegados portugueses com os aborígenes. Nessa perspectiva, O antropólogo Pierre Clastres, interpretando a filosofia de La Boétie, fornece-nos uma interessante elucidação do mau encontro, definindo-o como a gênese de uma nova espécie de homem, que está degradada, dado renunciar sua humanidade ou seu estatuto ontológico de liberdade¹¹. *O descobrimento do Brasil* revela-nos o desencontro entre uma sociedade estratificada socialmente, favorecendo a instalação de tiranias e outra sem divisões sociais, negando veementemente qualquer relação de poder¹².

O mau encontro é, portanto, o contato entre duas formas de vida opostas: uma que vive conforme a natureza humana de liberdade e outra desnaturada, já que se divide entre um tirano opressor e o amor do seu povo em servi-lo. Esse encontro desemboca no total aniquilamento da primeira sociedade, a qual tem seu *ser de liberdade* destroçado por uma nova configuração social,

¹¹ Cf. CLASTRES, Pierre. Liberdade, mau encontro, inominável. In: Discurso da servidão voluntária. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 111-112.

¹² Aqui é possível fazermos uma conexão com *Sobre os canibais* de Michel de Montaigne. O filósofo humanista, amigo de La Boétie, argumenta que as sociedades europeias, desde cedo, trataram de inverter a noção de selvageria. Atribuindo às tribos indígenas o estigma de não possuírem alma, caricaturando-as como ingênuas e atrasadas, e, que, por essa razão, elas deveriam ser moldadas pelo Espírito Europeu. Em contrapartida, o filósofo nota o quão equivocada é essa visão disseminada em seu continente, visto que, quem deveria receber a nomenclatura de selvagens e atrasadas são as nações colonizadoras, uma vez que invadiram uma terra já habitada com o intuito de explorar e saquear. Montaigne, um colecionador dos mais diversos artefatos da cultura indígena e alguém que conversou pessoalmente com alguns tupinambás que atracaram um navio, juntamente com os franceses, em Rouem, infere que não havia nenhum termo que cunhasse superioridade intelectual ou política para aqueles povos, que viviam tão longe de relações artificiais, mediadas por alguma espécie de contrato ou sucessão. Também, segundo o pensador humanista, eram inexistentes palavras que pudessem designar mentira, traição, dissimulação, avareza, inveja, difamação, tendo em vista que estas palavras estavam muito distantes daquilo que os indígenas experimentavam no seu horizonte cultural. Nessa perspectiva, pautavam um cotidiano sem práticas de subordinação, de riqueza ou de pobreza, mas guiavam-no por ocupações que não ultrapassavam o ócio e pelo respeito mútuo. Esse exercício de alteridade é facilmente observado no fato do cultivo da amizade das mulheres pelos índios. De acordo com Montaigne, isso nos é revelado quando os profetas, que moravam no alto das montanhas as desciam para fazer as seguintes exortações: "valentia contra os inimigos e a amizade por suas mulheres!" (MONTAIGNE, Michel de. *Sobre os canibais*. In: *Os Ensaíos*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 145-149). Essa exposição muito contribui para construirmos um quadro mental, a partir da figura dos tupinambás, sobre como seriam as sociedades que antecederam o mau encontro. Esclarecendo-nos o quão contraditório é chamar de bárbara estas comunidades que rejeitavam qualquer autoridade ou divisão de classes. No fim das contas, os bárbaros não seríamos nós?

onde um manda em muitos. Essa é a razão de ser um *mau* encontro, na medida em que passamos de uma realidade, na qual a liberdade é primordial para uma, onde sua essência é a submissão. Nesses termos, o mau encontro é a substituição do desejo de liberdade pelo amor à servidão, ou de outro modo, o abandono daquilo que é demasiadamente humano, a liberdade, em prol dos prazeres do jugo.

2.1 O fenômeno da servidão voluntária

O filme, que aqui tratamos, reporta como os colonos portugueses estabeleceram o mau encontro com os índios, os quais habitavam todo o território que, posteriormente, viria se chamar Brasil. Os exploradores lusitanos tramaram arditamente diversas armadilhas para ter a convivência dos nativos na sua própria escravidão e na devastação de suas florestas. As artimanhas são as mais diversas, como a prática de escambo de espelhos, tesouras e facas; o oferecimento de bebidas; o aconchego, dando-lhes cobertores para protegê-los do frio noturno; e a participação em suas danças. Toda essa interação, entre povos tão antagônicos, acarretou a decadência e alienação dos que já habitavam o Novo Mundo. Essa degradação pode ser verificada pela supressão da cultura local mediante um crucifixo, fixado no território dos autóctones, o qual, a partir de então, deveria ser o único objeto de adoração tanto dos portugueses recém-chegados, quanto dos que já tinham se fixado ali, muitos anos antes, com seus singulares costumes e rituais religiosos.

As sociedades primitivas foram progressivamente se desnaturando e se esquecendo de que um dia desfrutaram de sua liberdade natural originária. A desnaturação, promovida pelo mau encontro, impede que conheçamos o que é essencial em nós, fazendo-nos crer que as relações entre dominantes e dominados são atemporais e estão além de qualquer construção histórica. De acordo com Chauí, "(...) os humanos, inicialmente forçados ou inicialmente iludidos, se acostumam a servir e criam seus filhos alimentando-os no leite da servidão; por isso os que nascem sob a tirania não percebem¹³ (...)". Porém, tentando contrariar essa visão involuntária da servidão, La Boétie levanta a seguinte reflexão:

Portanto, resta à liberdade ser natural, e do mesmo modo, a meu ver, não nascemos em posse apenas de nossa liberdade, mas também do desejo de defendê-la. Ora, se por ventura tivermos dúvida quanto a isso e se estivermos tão degenerados que não possamos reconhecer nossos bens nem nossas afeições inatas, serei obrigado a tratar-vos como merecis e convocar, por assim dizer, as brutas bestas ao púlpito para vos ensinar sobre vossa natureza e condição. (...) Muitas delas morrem assim que são capturadas: como um

¹³ CHAUI, Marilena. Servidão voluntária ou mau encontro. In: *Contra a servidão voluntária*. Organizador Homero Santiago. 2ed. Belo Horizonte. Autêntica. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 128.

peixe que padece fora d'água, entregam-se à escuridão e não têm mais o desejo de sobreviver à perda de sua liberdade natural (...) Os outros dos maiores aos menores, quando capturados, resistem tanto com unhas, chifres, bicos e patas que evidenciam o quanto estimam aquilo que perdem (...) Apascentamos o cavalo desde que nasce pra acostumá-lo a servir; e, por mais que acariciemos, quando está sendo domado ele morde o freio, escoiceia contra a espora, como que para mostrar à natureza e declarar, ao menos dessa forma, que serve não por vontade, mas por imposição nossa. Que dizer então¹⁴?

Desse modo, de acordo com La Boétie, se os animais de modo geral resistem à dominação, é porque minimamente são capazes de constatar os males da sujeição. Eles lutam por sua liberdade ferozmente e na maioria das vezes quando a perdem, acabam morrendo por não encontrar razões para persistir numa existência desprovida de liberdade. Se até os bois e os pássaros, no instante em que estão presos, lamentam e choram por sua situação, que insensatez e cegueira tamanha não é nossa recusa à liberdade? Vivemos desprovidos de tudo. Entregamos nossos bens, famílias e vidas a somente um governante o qual nos tiraniza, não por um infortúnio, mas pelo poder que o concedemos. Somos os responsáveis por nossa ruína, pois ao contrário dos bichos que não cedem ao costume da subjugação, servimos voluntariamente:

Ainda segundo o filósofo, somos nós que doamos ao soberano os nossos olhos para ele nos vigiar; as nossas mãos para ele nos injuriar; nossos pés para ele nos pisar; nossos filhos para ir à guerra em nome de seus interesses; e nossas filhas para alimentar sua luxúria¹⁵. Fomos desapropriados de nossas famílias e de nossos bens, corpos e vidas. Contudo, para que esta desapropriação ocorresse, precisou-se que traíssemos a nós mesmos, tolerando o ladrão que nos rouba e o assassino que nos mata. Não foi isso o que aconteceu quando os indígenas se ajoelharam em posição de adoração diante a cruz cristã na primeira missa celebrada no Brasil? Traição aos seus costumes e convivência com os seus assassinos? Que mau encontro! É nessa conjuntura que Lefort argumenta que o senhor procede do escravo:

Como entender que o senhor procede do escravo? (...) não se torna senhor por querer, e sim por ter ocupado um lugar já preparado, por ter respondido a uma demanda já formulada por aqueles, naqueles que domina: o povo (...) é melhor admitir que a cada momento de seu império a tirania se engendra a partir da vontade de servir¹⁶ (...).

Costumeiramente, atribui-se ao senhor a origem do escravo, acreditando-se que, mediante as forças coercivas do déspota, obriga o outro a servir contra sua vontade. Entretanto, esse tipo de

¹⁴ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, pp. 45-46.

¹⁵ Cf. LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 41-43.

¹⁶ LEFORT. O nome de um. In: *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 125-126.

resposta desvia-nos da seguinte interrogação: “como é possível que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações tolerem, por vezes, um tirano sozinho¹⁷ (...)”. É admissível que um pequeno agrupamento de homens seja incapaz de combater o mal da submissão imposto autoritariamente. Todavia, não há uma razão suficiente, que não a voluntariedade da servidão, capaz de explicar o porquê de grandes aglomerados se sujeitarem aos desejos de um.

2.2 Os elementos fundantes do mau encontro

Poderíamos defender que a servidão está associada ao encanto e a sedução que possuímos pelos nossos algozes, ou, argumentar, sem muito esforço, que as comunidades indígenas se deixaram arrastar pelo fascínio por artigos, como facas, tesouras, espelhos, que naquele momento histórico estavam distantes de seu universo de possibilidade. Também, poder-se-ia exaltar o caráter do fascínio, ligado a sacralização dos detentores do poder, sobretudo, na cena da vinda dos portugueses em suas caravelas, fato que provavelmente soou tão esquisito para aquelas comunidades, que não beiraria ao absurdo, levantarmos a hipótese que, num primeiro momento, esse evento tenha instaurado a crença que tudo aquilo era a realização de uma profecia. Nessa perspectiva, La Boétie refere-se à sagração dos governantes nos contextos dos egípcios e dos epirotas:

Os primeiros reis do Egito também só apareciam em público carregando ora um gato, ora um cajado, ora uma chama sobre a cabeça. Quando o faziam, pela estranheza da coisa, suscitavam em seus súditos reverência e admiração, ao passo que, a meu ver, àqueles que não fossem demasiados parvos ou servis, não se prestariam senão ao entretenimento e à troça.

(...)

O que dizer de outra bela mistificação que os povos antigos tinham como líquida e certa? Eles acreditavam piamente que o dedão de Pirro, rei dos epirotas, fazia milagres e curava os doentes do baço (...). É assim que o povo tolo inventa as próprias mentiras – para depois acreditar nelas. (...) insistiram (os tiranos) em utilizar a religião como proteção e, quando possível, emprestar alguns traços de divindade para assegurar sua vida nefasta¹⁸.

La Boétie almeja desvelar as táticas utilizadas pelo tirano para conservar o seu poderio. O francês explicita-nos que o cultivo à devoção do soberano, no imaginário popular, é uma artimanha sem a qual jamais uma liderança se perpetuaria. A imagem que o governante quer passar é a de um ser divino e justiceiro capaz de vingar todas as penúrias de seu povo. Afinal, é essa esperança de a justiça ser feita, que ludibria e enfeitiça uma nação. Dessa forma, conjectura-se o seguinte: foi o sentimento de estar lado a lado com seres transcendentais ou de outro mundo que impeliu as

¹⁷ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 34.

¹⁸ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, pp. 64-65.

comunidades indígenas a derrubarem suas matas para a construção de crucifixos que depois seriam carregados sobre seus ombros.

Entretanto, outras hipóteses, que nada tem a ver com o encantamento dos escravos pelos seus senhores, são capazes de explicar o fenômeno da servidão, visto que em muitas situações não somos fortes o suficiente para fazer ruir o avantajado exército de nossos inimigos. Nas guerras, por exemplo, quando as perdemos, não há nada que possamos fazer. Somos presas fáceis dos vencedores, prontas a serem escravizadas ou liquidadas. A única coisa que está em nosso alcance, nesse momento penoso, é lamentar o presente e esperar um futuro melhor. Nessa perspectiva, a coerção física como se sucedeu na colonização brasileira, retratada no filme em questão, evidenciava-nos quão desproporcional era a luta entre portugueses e indígenas. Enquanto os primeiros faziam uso de armas de fogo, como revólveres e canhões, os segundos recorriam a métodos mais rudimentares como lanças e flechas.

Étienne, propositalmente, coloca o seu leitor em circunstâncias de conflito e tensão, pois na proporção que indica as razões para servidão, ele as elimina. Vejamos um exemplo: “É verdade que, no início, serve-se por obrigação, por força da derrota; mas os que seguem servem sem pesar e fazem de modo voluntário aquilo que seus antecessores faziam compulsoriamente¹⁹”. Ele admite que a coerção física possa ser responsável por um tirano chegar ao poder, mas jamais por permanecer nele. São os nascidos e criados sob o açoitado da sujeição, que não enxergam outros horizontes, considerando sua realidade como estática, natural, e, conseqüentemente, impossibilitada de tomar outros rumos.

Quando o filósofo renascentista nega que a coerção física seja o sustentáculo da servidão, ele levanta uma terceira hipótese: não seria o costume que levaria os indivíduos a aceitarem o jugo de outrem? Nem o fascínio, nem a coerção física, mas o hábito é o que exerceria enorme poder sobre nós? Como diz La Boétie, a educação sobre a qual crescemos tem capacidade de “ensinar-nos a engolir e não achar tão amargo o veneno da servidão²⁰”. Precisamos perdoar aqueles que desconhecem qualquer experiência de liberdade, tendo em vista que, por ignorá-la não tem noção do quão é degradante para sua humanidade ser escravo. Para ilustrar o que dizíamos, afirma La Boétie:

Se houvesse um país como os dos cimérios, descrito por Homero, onde o sol, diferentemente do nosso, brilha por seis meses contínuos e depois deixa-os adormecidos na escuridão, sem voltar a vê-los por mais meio ano, será que aqueles que nascessem durante

¹⁹ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 49.

²⁰ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 50.

essa longa noite, se não ouvissem falar da claridade, se espantariam ou, nunca tendo presenciado o dia, se acostuariam às trevas em que nasceram, sem desejar a luz²¹?

Se os homens nascem e são educados para serem servos, é razoável que sintam falta da liberdade? O homem naturalmente é e deseja ser livre, contudo, se os hábitos impostos pela criação não colaboram para o pleno desenvolvimento dessa liberdade, a tendência é que sejamos moldados pela autoridade do déspota. A influência do costume em nossas vidas é tamanha, que aqueles que estão deformados pelo exercício da servidão não possuem vigor em lutar pela liberdade, uma vez que por ela “não sentem mais arder no coração²² (...)”.

2.3 A servidão voluntária, enquanto ferramenta de perpetuação do mau encontro

Estrategicamente, Étienne de La Boétie apresenta três hipóteses, a saber: o fascínio, a coerção física e o costume, que explicariam o porquê da dominação. Ao fim da exposição delas, o filósofo argumenta: “Chego agora a um ponto que é, a meu ver, a força e o segredo da dominação, o suporte e o fundamento da tirania²³”. Entendemos com essa afirmação que as hipóteses supracitadas têm o seu valor na compreensão de como os soberanos ascendem ao poder. Mas, se quisermos saber o que sustenta e conserva qualquer tipo de dominação, precisamos explicitar cuidadosamente o que está para além das alabardas e das guardas do soberano. Acompanhemos sua fala:

Em meu juízo, muito se engana quem pensa que as alabardas, as guardas e a disposição de sentinelas protegem os tiranos, que delas se servem, creio eu, mais pela formalidade e pela demonstração de força do que por depositarem confiança nelas. Os arqueiros impedem a entrada no palácio dos maltrapilhos sem nenhum recurso, não dos homens armados que poderiam realmente fazer alguma coisa. Sobre os imperadores romanos, decerto é fácil afirmar que poucos escaparam do perigo pela proteção de seus guardas, mas muitos foram mortos pelos próprios arqueiros. Não são as tropas de cavaleiros, não são os corpos da infantaria, não são as armas que protegem o tirano²⁴.

Quem protege o tirano é toda a malha social que lhe está subordinada, todos aqueles que fazem favores aos poderosos em troca de ganhos particulares, dando tudo o que ele vos pede, inclusive vossas vidas e os corpos de seus amigos e seus familiares. Somos tiranetes, então, já que estamos inseridos numa rede interligada de interesses que refletem os do déspota, onde almejamos

²¹ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 54.

²² LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 58.

²³ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 68.

²⁴ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 68.

servir para que aquele que está logo abaixo de nós, na pirâmide social, sirva-nos também. Segundo Chauí, “A servidão é voluntária porque há desejo de poder e há desejo de poder porque a tirania habita cada um de nós e institui uma sociedade tirânica²⁵”. As relações interpessoais estão corrompidas pelo medo, dado que o tirano subjuga os súditos por intermédio de outros súditos. Por isso, como confiar em alguém, quando todos querem tirar alguma vantagem da tirania? Étienne descreve minuciosamente a rede de interesses entre tirano e tiranetes:

À primeira vista, parece difícil crer, mas é a verdade: são sempre quatro ou cinco que mantêm o tirano, quatro ou cinco que mantêm todo o país em servidão. Foram sempre cinco ou seis os depositários de sua confiança, cinco ou seis que deles se aproximaram ou foram convocados como cúmplices de suas crueldades, companheiros em seus prazeres, alcoviteiros de suas volúpias, compartes dos bens de suas pilhagens. Esses seis têm tanta influência sobre o líder que este parece, à sociedade, mau não apenas por suas maldades, mas também pelas deles. Esses seis têm 600 outros que deles se beneficiam e com eles fazem o mesmo que eles fazem com o tirano. Esses 600 têm, abaixo de si, 6 mil (...) e, aquele que se aventura a desenrolar o fio verá que há não 6 mil, mas 100 mil, milhões de indivíduos ligados ao tirano por meio desse cordão²⁶.

Sendo assim, sempre que tentarmos indicar os elementos que sustentam o mau encontro, evento responsável pela desnaturação dos homens, é necessário que consideremos também a existência de algo voluntário nesse processo. Ou seja, por mais que levantemos as hipóteses de o fascínio, a coerção física e o hábito motivarem a passagem de um estado de liberdade para um estado de servidão, não podemos desconsiderar os jogos de interesses que medeiam às relações entre tiranos e tiranetes (tiranizados que também querem tiranizar). Isso porque os vínculos tirânicos estabelecidos, entre os sujeitos de uma sociedade, são o segredo e o fundamento da servidão, isto é, La Boétie quer evidenciar que toda sujeição também é sustentada por uma dimensão subjetiva da vontade dos seres humanos de serem tiranizados.

Nessa perspectiva, o filme *O Descobrimento do Brasil* de Humberto Mauro metaforiza com excelência o conceito de servidão voluntária, articulado por La Boétie. Afinal de contas, a chegada dos portugueses em terras brasileiras reporta-nos ao mau encontro, na medida em que há o contanto entre duas sociedades opostas, uma dividida em classes e outra que nega qualquer hierarquia de privilégios. O mau encontro se concretiza quando o modelo de organização social indígena, pautado pela preservação do estado natural de liberdade, sucumbe diante a organização estatal portuguesa.

²⁵ CHAUI, Marilena. Servidão voluntária ou mau encontro. In: *Contra a servidão voluntária*. Organizador Homero Santiago. 2ed. Belo Horizonte. Autêntica. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 129.

²⁶ LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso sobre a servidão voluntária*. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017, p. 69.

Os selvagens ficaram enfeitiçados com aqueles homens de barba e roupa que cruzaram o mar, através de embarcações mais bem elaboradas que as suas, trocando mercadorias que jamais tinham visto. Toda essa inesperada visita se assemelhava com um acontecimento escatológico ou com o aparecimento de uma figura messiânica. Além de estarem seduzidos com aquele contato primário, tem-se o poder coercitivo dos colonizadores portugueses, que deixavam os indígenas em uma situação que não havia meio termo: ou se derrubava a mata para construção do crucifixo cristão ou se morria. E, por último, o hábito de servir daqueles autóctones, que diferentemente dos seus antecessores na linha hereditária, foram obrigados a crescer no contexto da sujeição, sem nunca ter tido uma experiência direta com a liberdade, acostumados não mais a entoar seus cânticos tradicionais que imitavam o som dos pássaros, mas a louvar os santos cristãos.

Entretanto, segundo Étienne, esses elementos não são suficientes para perpetuar um tirano no poder. Essas hipóteses afastam-nos do cerne da questão, uma vez que a servidão tem seu enigma revelado no amor em servir dos servos, que não medem as consequências da abdicação de sua liberdade em troca dos favores prometidos pelo ditador. Dispomos de um componente até difícil nomear devido ser paradoxal, a saber, a servidão voluntária. A esperança de receber regalias do soberano e de possuir os olhos, as mãos, os pés, e a vida de alguém que está abaixo de nós socialmente, faz com que os sujeitos aceitem receber um mal, para depois direcioná-lo a alguém que deseja subjugar.

3. Conclusão

Com os títulos de selvagem
De demônio, canibal,
E a afirmação do índio
Ser pior que animal;
Todos os ditos profanos
Incentivaram colonos
Ao extermínio total.

(Medeiros Braga. *A guerra dos bárbaros*).

O esforço intelectual de La Boétie, elucidado nesta investigação, é o de compreender o que é o fenômeno da servidão e quais são seus elementos fundantes. Para respondermos estas perguntas reavivamos a obra cinematográfica brasileira *O descobrimento do Brasil* de Humberto Mauro. Ao relacionarmos a argumentação de *O discurso sobre a servidão voluntária* com as imagens oferecidas pelo filme, extraímos a seguinte tese: o fenômeno da servidão não é fruto do infortúnio,

ou seja, de um destino que determina nossa vida até perdemos completamente o seu controle. A servidão tem também sua razão de ser na sua escolha deliberada pelos indivíduos.

Nem o fascínio pelos governantes, nem os muros e os arqueiros do tirano e nem o leite da servidão que, ao nascer já amamentamos, são eficientes para imobilizar os seres humanos em uma condição tão antinatural e tão contrária a sua humanidade que é a da escravidão. Somos livres e desejamos a liberdade a qualquer custo. Se as bestas e os insetos lutam, muitas vezes, até a morte em busca de reconquistar seu bem perdido, porque nós agiríamos de outra maneira? Se dezenas de homens, centenas de cidades e milhares de nações resolverem seguir as regras impostas por um, é em razão, instrui-nos La Boétie, de querermos submeter aqueles que estão logo abaixo de nós com o intuito de obtermos ganhos por intermédio disso.

Contudo, é preciso fazer uma ressalva: os aborígenes não viviam a lógica dos ganhos da servidão voluntária, mas os portugueses sim. Estes, logo quando atracaram em terras tropicais, tentaram impor seu horizonte de compreensão cultural com a celebração da primeira missa. Mas, ao contrário do olhar harmonioso, proposto pelo *O descobrimento do Brasil*, queremos enfatizar que se havia uma sociedade dividida entre dominados e dominantes, esta sociedade era a portuguesa, basta olhar a penúria e a fome que a tripulação passa em contraposição às regalias que possui o capitão-mor.

Em suma, o mau encontro é o choque de duas culturas que se contrapõem radicalmente: a cultura da servidão voluntária (colonos) e a cultura da liberdade (colonizados). Esta foi corrompida e devorada por aquela. É pertinente ressaltarmos também que, por não se adequar a essa imposição, muitas comunidades indígenas foram exterminadas, por não aceitarem a ideia de ter que viver precariamente em nome de um deus, de uma lei e de um rei que não os seus. Desse modo, o nosso intuito foi desvelar da obra cinematográfica *O descobrimento do Brasil*, que escondeu diferenças culturais entre dominados e dominantes, exaltando uma harmonia inexistente entre ambos, dois modos de vida antagônicos, os quais, contemporaneamente, ainda são antípodas.

REFERÊNCIAS

ANDRIES, André. O cinema de Humberto Mauro. Rio de Janeiro: Funarte, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Contra a servidão voluntária. Organizador Homero Santiago. 2ed. Belo Horizonte. Autêntica. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

O desvelamento do mau encontro em *O descobrimento do Brasil* à luz do pensamento de La Boétie, pp. 108-122

_____. Sagração do governante. *In: BRASIL MITO FUNDADOR E SOCIEDADE AUTORITÁRIA*. Revisão Maurício Balthazar Leal e Vera Lúcia Pereira. 1ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CLASTRES, Pierre. Liberdade, mau encontro, inominável. *In: DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LA BOÉTIE, Étienne de. Discurso sobre a servidão voluntária. Tradução de Evelyn Tesche. São Paulo: Edipro, 2017.

LEFORT. O nome de um. *In: DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MAURO, André Felipe. Humberto Mauro: o pai do cinema brasileiro. Rio de Janeiro: IMF Editora, 1997.

MAURO, Humberto. HUBERTO MAURO: SUA VIDA/ SUA ARTE/ SUA TRAJETÓRIA NO CINEMA. Rio de Janeiro: Artenova, 1978

MORETTIN. Humberto Mauro, Cinema, História. São Paulo: Alameda, 2013.

_____. Produção e formas de circulação do tema do Descobrimento do Brasil: uma análise de seu percurso e do filme *Descobrimento do Brasil* (1937), de Humberto Mauro. São Paulo: Revista Brasileira de São Paulo, v.20, n. 39, p.135-165, 2000.

MONTAIGNE. Michel de. Sobre os canibais. *In: OS ENSAIOS*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHVARZMAN, Sheila. Humberto Mauro e as imagens do Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2004.